

Janus, o caboclo high-tech: discursos fundadores e a cultura em Manaus¹

Sérgio Augusto Freire de Souza²
Universidade Federal do Amazonas
sergiofreire@ufam.edu.br

*Porto de Lenha, tu nunca serás Liverpool
Com uma cara sardenta e olhos azuis...*
Aldísio Filgueiras, poeta amazonense

Introdução

As barreiras nos domínios da ciência caem cada vez mais rapidamente. Na epistemologia da pós-modernidade (SANTOS, 2003; LYOTARD, 1998), as metanarrativas ligadas a áreas específicas do conhecimento, que delimitam suas bordas de forma a não permitir o acesso ao estranho, têm perdido força em nome da inter e da multidisciplinaridade. Os muros teóricos ruem por pressão externa, pois a ciência sai em busca de novos objetos, e por pressão interna, já que a ciência não mais dá conta da complexidade de seus objetos. O que separam as disciplinas não são mais os objetos definidos, mas os processos metodológicos.

O objetivo desta reflexão é explicitar e caracterizar os discursos fundadores dominantes que circulam em Manaus e refletir de que forma esses discursos permitem pensar a cidade e a cultura. A partir dessa explicitação e dessa caracterização, elegemos a cidade e a cultura como objetos de análise. Elegê-las como tal suscita, a título do que apontamos acima, defini-las de um determinado referencial, delimitado do ponto de vista teórico-heurístico, mas deixando em aberto às conceituações de outras disciplinas como ponto de partida para o deslocamento conceitual.

É inescapável falar de algum lugar para ler “as páginas escritas da cidade”, como sugere Calvino (2003). O nosso lugar se desenha pelos contornos e entornos da linguagem. Buscamos compreender a cidade como a textualização de discursos materiais, sócio-históricos, desenhados pela dança da correlação de forças simbólicas e pelos processos ideológicos que lhe compõem seus sentidos circulantes. Como pensada por Michel Pêcheux (1997) e Eni Orlandi (1999), a Análise de Discurso (AD) nos serve de referencial teórico para a aproximação proposta. Na linguagem, vista pela AD como a materialização de um simbólico determinado sócio-historicamente, a cidade apresenta seus traços identitários e as marcas e rastros de seus sujeitos. É por meio da análise da materialidade linguística que entraremos na cidade e na cultura. É essa materialidade o resultado visível dos processos discursivos fundados em formações ideológicas e organizados em formações discursivas que determinam o que pode e o que deve ser dito em uma circunstância dada (PÊCHEUX; FUCHS, 1990, p.166-7).

¹ Trabalho apresentado na 16ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), em 15 de julho de 2009, na mesa Linguagem e Administração do Espaço Cultural no Brasil, sob a coordenação de Eduardo Guimarães (UNICAMP) e participação de Lauro Baldini (Univas).

² Doutor em Linguística pela Unicamp.

Com a AD a nos referenciar teoricamente e com o recorte definido sobre a cidade e a cultura que nela se viabiliza desenhamos o esboço do trabalho. Iniciaremos, pois, fornecendo subsídios teóricos para justificar a escolha da entrada pela linguagem. Em seguida, abordaremos os conceitos de cidade e de cultura sob as perspectivas tradicionais a fim de argumentar que esses conceitos se deslocam quando trabalhados via linguagem. Em outro momento, encaminharemos a discussão para a especificidade da cidade Manaus, discutindo como a capital do Amazonas se diz a partir de como tem se dito historicamente e como se configuram as discursividades a que se filiam tais dizeres. Por fim, concluiremos o texto retornando a cultura a partir das considerações levantadas.

AD: linguagem, historicidade, ideologia

A linguagem está atravessada em toda relação social. Tal como um fio invisível que faz do colar de pérolas um colar, é pela linguagem que um grupo simboliza, se diz, se identifica, se subjetiva, inclui, exclui. É pela linguagem, entendida para além do objetivismo abstrato da normatividade, que o ideológico se institui, se configura, se reconfigura. E à linguagem que o indivíduo precisa se assujeitar para ser sujeito na/da língua.

Compreender a língua como a materialidade do discurso nos remete a compreender o discurso como materialidade da ideologia. Assim, o sujeito da linguagem e os sentidos são afetados pela relação entre língua e ideologia, se constituindo ambos, sujeito e sentido, ao mesmo tempo. Conceituar sujeito a partir dessa relação exige que igualmente o pensemos como um lugar, como uma forma-sujeito, um necessário revestimento para que o indivíduo seja agente de uma prática. (ALTHUSSER, 1989). Ao usar a língua, o indivíduo se subjetiva porque fala de um lugar social sócio-historicamente configurado, lugar esse que desenha o que pode e não pode ser dito, e quais são os sentidos possíveis a partir da filiação dessa forma-sujeito a uma formação discursiva específica.

Assim, ao falar de cultura, o sujeito amazônico fala de um lugar construído historicamente e sustentado pela historicidade presente na memória discursiva, por aquilo que chamamos em AD de interdiscurso. Diferentemente da memória biológica, a memória discursiva é uma memória que é esquecida pelo sujeito, que ela recorre para fazer sentido na língua que usa. Exatamente porque esquece da existência de um sentido funcionando antes e em outro lugar e da ideologia organizada em discursos e materializada pela língua é que o sujeito acredita ser a origem do sentido, que nele surgiria, numa concepção adâmica de linguagem.

Nosso referencial compreende a linguagem como possibilidade de explicitação do social. Essa explicitação se dá por meio da análise discursiva, que permite a entrada pela língua em busca da descrição dos processos discursivos de organização do dizer dentro das contingências das formações discursivas organizadoras de determinada ideologia. Pela AD, nos propomos a pensar a cidade pelas discursividades que filiam os sujeitos que nela emergem porque a linguagem atravessa os processos sociais. E a

cidade, o urbano, a cultura são categorias sócio-históricas. Pensemos esses conceitos, pois, pela linguagem.

A cidade

A cidade é um espaço. Santos define espaço como sendo o “conjunto de formas contendo cada qual frações da sociedade em movimento” (1991, p. 27). Ainda Santos, em outro lugar, define a cidade como o “lugar em que o mundo se move mais, e os homens também” (1997, p. 83). A cidade é um espaço não somente na sua configuração física oposta ao campo, como definida pelo pensamento urbano até meados do século XX. Transbordando as margens do físico e pensando a movência, o movimento, como ideia para a conceituação operacional de cidade, ampliamos o conceito de cidade para o de espaço simbólico.

Pensar o sujeito como uma forma histórica e a cidade como um espaço simbólico, implica em que a cidade se simboliza pela historicidade e pelas relações agonísticas entre seus sujeitos, uma vez que ela é feita por sujeitos ideológicos. Portanto, a cidade é o espaço de simbolizações subjetivas. Em tempos pós-modernos, ela ganha a característica de ser o lugar onde, sob o pré-constuído de homogenia, acontecem as diferenças. Mais do que a homogenia, no entanto, é a heterogenia que se apresenta como elemento constitutivo do conceito.

Para quem olha pela linguagem, a cidade se configura como o lócus onde os sentidos explodem, ainda que sofram a tentativa de serem contidos pela necessidade do homogêneo. Concomitantemente ao tradicional discurso da modernidade, que prefere sujeitos homogêneos e dóceis, a cidade se configura por um discurso da fragmentação. Esse discurso acolhe as cores locais e na sua constituição se põe disposto a articular múltiplas demandas que possam relacionar-se globalmente. Os sujeitos desses paradigmas, o da homegeneização pretendida e o da heterogeneidade reativa, não são inermes. Armam-se com o necessário para reagir um contra o outro nessa guerra simbólica.

Se antes a definição geográfica e social dava conta de circunscrever a cidade, hoje é preciso levar em conta as fronteiras simbólicas de seus sujeitos. O Campo, antítese sociológica da Cidade, também pode ser Cidade simbolicamente. A Cidade, o outro do Campo, se organiza em tribos (MAFESSOLI, 1998), microcosmos simbólicos em busca de espaço na relação uns com os outros, trazendo nesses microcosmos características simbólicas inclusive do próprio Campo no espaço físico da Cidade. É como nos diz Canclini: Nos tempos de hoje, “o local costuma estar em outro lugar” (2008, p.60).

Podemos mimetizar conceitualmente essa dança simbólica entre o homogêneo e o heterogêneo naquilo que alguns autores chamam do embate entre o global e o local (SASSEN, 1998; CASTELLS, 1999; VEIGA, 2005; HALL, 2001). Ainda que seja inegável esse embate, a dicotomia não é absoluta e o maniqueísmo conceitual é problemático. Na agonística da relação, tanto o global interfere no local, quanto o local reconfigura o global. Ao mesmo tempo em que o local recebe a influência do global nas mais diversas áreas (fazendo com que se deseje um tênis Nike em Nova Iorque ou em Parintins), o global se vê tendo de mudar sua constituição para descobrir como

utilizar os recursos tecnológico-culturais para melhor atender às necessidades das maiorias e de diferentes grupos. Essa visão dialética do processo é chamada de *glocalização*³.

Ao encontro do recorte de nosso trabalho, Robertson (2000) é o autor que melhor trabalha esse conceito. Para ele, a *glocalização* envolve a simultaneidade e a interpenetração do que está sendo convencionalmente chamado de global e local ou de universal e particular. Santos (1996) complementa ao afirmar que os espaços da *globalização* são espaços mundializados reunidos por redes (p. 268). Essas redes são globais e transportam o universal ao local, unindo pontos distantes numa mesma lógica. Nesse contexto, muitos acreditam que há uma homogeneização ameaçadora das identidades nacionais. No entanto, ao lado da tendência em direção à homogeneização, há uma fascinação com a diferença e com a mercantilização da etnia e da alteridade, ao passo que há, juntamente com o impacto global, um novo interesse pelo local.

Assim, em vez de pensar no global como substituindo o local seria mais produtivo pensar numa nova articulação entre eles. Essa articulação coloca o local no interior da lógica da *globalização* que, provavelmente, em vez de destruir as identidades nacionais, poderá produzir novas identificações globais e novas identificações locais. Afinal, cada lugar é, à sua maneira, o mundo, que se encontra em toda parte. Concordamos com Santos quando diz que a uma maior globalidade corresponde uma maior individualidade (1996, p. 252). Assim, o local se constitui como espaço privilegiado onde é fundada a escala do cotidiano e onde novas formas de sociabilidade e também de socialidade⁴ são engendradas. Enquanto a ordem global é desterritorializada, separando o centro da ação e a sede da ação e dependente de fatores externos, a ordem local reterritorializa reunindo em sua lógica interna todos os elementos: homens, empresas, instituições, formas sociais. Assim, é no âmbito local que a cultura global hegemônica é refuncionalizada através de relações de assimilação e rejeição, constituindo-se na *glocalização*, como referenciada por Robertson (2000).

É nesse cenário do embate simbólico entre a homogeneização e a diferença que a cultura aparece e é encenada pelos sujeitos. Como a janela faz parte do cenário, a cultura não pode ser pensada fora desse quadro que define a dupla constituição epistemológica da subjetividade.

A cultura

É necessário delinear agora o que compreendemos por “cultura”. Iniciemos a discussão pelas concepções antropológicas do termo para depois deslocá-lo para uma tentativa de sua conceituação discursiva.

³ Termo introduzido na década de 1980 como estratégia mercadológica japonesa, inspirada na *dochakuka* - palavra derivada de *dochaku*, que, em japonês, significa "o que vive em sua própria terra" -, conceito originalmente referido à adaptação das técnicas de cultivo da terra às condições locais.

⁴ Terminologia proposta por Michel Maffesoli (1998) para classificar a estrutura das relações sociais na cultura contemporânea, em que as ligações têm bases mais afetivas, presenteístas, efêmeras; ao contrário da sociabilidade, onde as formações de elos sociais são baseadas nas instituições oficiais.

Na antropologia, há duas concepções básicas de cultura: a descritiva e a simbólica (THOMPSON, 1990). Thompson assim define a concepção descritiva:

A cultura de um grupo ou sociedade é o conjunto de crenças, costumes, ideias e valores, bem como artefatos, objetos e instrumentos materiais, que são adquiridos pelos indivíduos enquanto membros de um grupo ou sociedade (p. 173).

O autor afirma que a concepção descritiva de cultura é vaga e redundante porque cultura é vista como um conjunto de variações, não se prestando efetivamente para o trabalho teórico⁵.

A segunda concepção de cultura é a simbólica. Ela é a que mais se aproxima do recorte teórico que aqui fazemos. Esboçada na década de 1940 por L. A. White em *A ciência da cultura*, a concepção foi repensada por Clifford Geertz em *A interpretação da cultura*. Sem nos deter longamente nessa questão, importa para nós compreender que Geertz conceitua cultura, expondo o que segue:

Acreditando, com Max Weber, que o homem é um animal suspenso em teias de significados que ele mesmo teceu, entendo cultura como sendo essas teias, e sua análise, portanto, como sendo não uma ciência experimental em busca de leis, mas uma ciência interpretativa em busca de significados. (*apud* THOMPSON, 1990, p. 175).

Thompson, a partir do conceito de Geertz, define cultura como sendo:

O padrão de significados incorporados nas formas simbólicas, que inclui ações, manifestações verbais e objetos significativos de vários tipos, em virtude dos quais os indivíduos comunicam-se entre si e partilham suas experiências. (p. 176).

Apesar de epistemologicamente mais próxima do que pensamos, essa concepção de cultura apresenta uma dificuldade teórica. Ela pensa a cultura como o liame social que permite a comunicação e a partilha de experiências. Pela definição, ela exclui – ou ao menos secundariza – a agonística da assimetria das relações de poder e o fato de que a linguagem serve para comunicar, mas para não comunicar também.

Assim, para nós e para este trabalho, cultura pode ser conceituada como um conjunto dos sentidos possíveis, às vezes contraditórios, que textualizam discursos fundadores, num espaço simbólico assimétrico partilhado em agonística. Dizendo de outra forma: a cultura é o conjunto de processos de subjetivação pela linguagem da memória discursiva impondo-se para fazer sentido num espaço social partilhado.

Com o conceito de cidade e de cultura operacionalmente delimitados, partiremos para a explicitação da constituição da matriz identitária da cidade de

⁵ Cf especialmente o capítulo III em Thompson (1990).

Manaus a partir da configuração de seus discursos fundadores. Retornaremos à questão da cultura mais tarde.

Manaus: Janus, o caboclo high-tech

Para pensar a cidade e a cultura no espaço urbano de Manaus, recorreremos primeiramente à tese de que qualquer cidade se sustenta simbolicamente em cima de discursos fundadores. Por discursos fundadores compreendemos os discursos que funcionam como referência básica no imaginário constitutivo de um povo (ORLANDI, 1993). Os discursos fundadores são estabelecidos pelos acontecimentos discursivos, que Pêcheux define como o que irrompe como um elemento que ao mesmo tempo desestrutura e reorganiza o universo discursivo. (PÊCHEUX, 2002).

Diz o autor, em outro lugar, que a possibilidade de sentido de uma sequência de enunciados na língua reside “na existência de um corpo sócio-histórico de traços discursivos, constituindo o espaço de memória da sequência” (PÊCHEUX, s/d, p. 289). O conceito de *espaço de memória* de Pêcheux se aproxima e se distancia do conceito de *lugar de memória* como proposto por Pierre Nora. Segundo Nora, os lugares de memória são lugares “de superabundância, fechados sobre sua identidade, e envolto sobre seu nome”, mas ao mesmo tempo “abertos à extensão de suas significações” (*apud* DIAS, 1993, p.82). Para Nora, os lugares de memória sobrevivem graças a sua aptidão à metamorfose, tendo suas significações incessantemente retomadas e suas ramificações propagadas, sem, no entanto, perder a identificação através do seu nome.

Na constituição dos discursos fundadores de Manaus, aparecem como lugares de memória, por um lado, a Belle Époque do Ciclo da Borracha, a implantação da Zona Franca e a escolha da cidade para ser subsede da Copa do Mundo de Futebol de 2014. Por outro lado, tem-se os lugares do Inferno Verde, do Pulmão do Mundo, do Ambientalismo, da maior reserva de biodiversidade do mundo. Esses dois conjuntos de lugares ou de espaços de memória fundam e fundem a subjetividade manauara em dois grandes discursos fundadores: o discurso da Manaus Cosmopolita e o discurso da Manaus Cabocla.

O primeiro discurso filia Manaus ao conceito de cidade internacional.⁶ Esse discurso foi e é textualizado de formas diversas na história da cidade. Desde sempre, Manaus se apresenta como uma cidade que possui um quê de exterioridade. As óperas europeias encenadas no meio da selva em um teatro grandioso no fim do século XIX e início do XX, a internacionalização da cidade com o afluxo da tecnologia graças ao pólo industrial desde 1967 e pelos anos 70 e 80 e a escolha da cidade como subsede da Copa são paráfrases desse ethos discursivo (MOTTA; SALGADO 2008).

Ao mesmo tempo, a presença do discurso da Manaus Cabocla se faz forte, filiando a cidade à discursividade do verde, da floresta, do tempo mediato, das lendas

⁶ Registro que a possibilidade de pensar Manaus como cidade internacional surgiu de uma conversa com a profa. Eni Orlandi, que chamou atenção para o fato. Agradeço a professora pela gentileza do ponto de entrada na reflexão.

e do mistério. O espaço intocado mítico, herança dos relatos dos primeiros viajantes⁷, se contrapõe ao espaço ocupado pelo mundo. A biodiversidade se coloca frente à tecnodiversidade. O tempo mediato, quase medieval, da floresta, do local, se descompassa no *tempus fugit* do Zeitgeist da pós-modernidade da globalização.

Aparente contradição, essa esquizossemia discursiva funda o sujeito da região, o neo-caboclo. Esse sujeito precisa contemplar sua dupla gênese: dar conta da exogenia constitutiva sem deixar de levar em conta a endogenia fundante. Em um processo de glocalização, o sujeito se diz um para dizer-se outro. É um e é outro, olhando para lugares opostos para que possa se ver por completo, lugares opostos que se complementam e se significam mutuamente, tal qual Janus, o deus romano de duas faces.

A cultura contingenciada

Um das tarefas da Análise de Discurso é a de explicitar a emergência das significações. Tentar evidenciar por que razão o sentido se fez um e não outro. A partir da superfície linguística, a AD busca encontrar as marcas que possibilitem a entrada para a recuperação do processo discursivo articulado a partir de uma formação discursiva filiada à ideologia que sustenta o dizer enunciado. Feito isso, chega-se às propriedades do discurso que, como recorrentes, possibilitam a visualização desse discurso mais claramente em suas paráfrases na linguagem e no social.

A identificação de dois discursos constitutivos da identidade manauara traz implicações. Para se fazer presente aqui e ter sentido, a cultura (definida como o conjunto de processos de subjetivação pela linguagem da memória discursiva impondo-se para fazer sentido num espaço social partilhado) deve contemplar esses dois discursos em seus mais variados graus de dosagem. O sujeito, no entanto, não fala simetricamente dos dois lugares. Há graus de pertença.

Há quem se filie à imersão total no discurso cosmopolita e ignore a caboclitude, num silenciamento significativo (Cf ORLANDI, 1992). Promover festivais como o Amazonas Film Festival, trazendo estrelas hollywoodianas, é uma textualização cultural dessa configuração, marcada inclusive na nomeação do evento. Há quem se subjetive silenciando o cosmopolitismo e abraçando a caboclitude na sua linguagem e na sua estética, como o grupo regional Raízes Caboclas, cujos instrumentos e vestimentas marcam a presença da caboclitude ao extremo, tendo o efeito de exótico, que etimologicamente derivado de *exoticus* no Latim e de *exôtikos* no Grego, ou seja, se refere a alguém de outro lugar estranho a nós (ASSA, 2002, p. 247).

Há, no entanto, as mediações. Nem trem-bala nem canoa. O discurso do desenvolvimento sustentável se apresenta como possibilidade de formulação que contemplaria a dupla fundação. Quando o deus Janus dá as cartas, atende-se à esquizossemia. Nós, neo-caboclos, caracterizamos-nos pela necessidade de circulação entre o global fugaz e o local mediato. Precisamos falar dos dois, na dose certa, para não virar nem pastiche (como as danças de bois para turistas no calçadão da praia da

⁷ Sobre essa questão, sugerimos a leitura do trabalho de Neide Gondim (2007).



Ponta Negra), nem exótico (como a estética *over* dos Raízes Caboclas). Pastiche e exótico são extremos de sentido em cada discurso.

A dosimetria é fundamental para que se faça sentido no urbano de Manaus. O símbolo da cidade na Copa é um bom exemplo (Fig. adiante). Há a bola da copa (o cosmopolita), ladeada por duas penas (o caboclo). O programa institucional “Fala Governador”, veiculado em rede de rádio aos sábados, reporta os avanços do Estado (o cosmopolita), mas é apresentado por um locutor que faz caricatura da fala local (o caboclo). Quando da escolha da cidade para subsede da Copa, a primeira mensagem oficial veiculada na televisão dizia: “Vencemos! Vamos mostrar ao mundo nossa capacidade de desenvolvimento sem comprometer o nosso meio ambiente”. Para onde quer que se olhe, o jogo da dupla identidade se textualiza.

Para sair do espaço geográfico local, a cultura manauara precisa lidar com esses discursos sem deixar que se anulem. O escritor Milton Hatoum é um exemplo de como isso pôde ser feito na literatura. Por meio do domínio da técnica literária (o cosmopolita), Hatoum diz a região em seus romances (o caboclo). A literatura que perde a dose vira pastiche ou vira exótica. A relação desse duplo jogo pode ser estendida ao Festival de Ópera, aos bois, à música popular amazonense. Em cada um podemos ver como essa dança simbólica entre o cosmopolita e caboclo se dá, marcando lugares, rotulando práticas, incluindo e excluindo. E definindo, claro, políticas culturais, no que vale ou não vale a pena investir. No jogo identitário entre o Porto de Lenha e a Liverpool, os sujeitos se significam.

Para finalizar, podemos dizer que a administração do espaço cultural em Manaus se dá a partir das significações possíveis e não possíveis reguladas pela dupla discursividade fundadora. O sujeito manauara mergulha no discurso que lhe antecede, sendo posto na relação necessária com o interdiscurso. Cabe-nos olhar para ver como os discursos fundadores se instalam como tais no conjunto de processos discursivos. Esses discursos fundadores regulam os sentidos e os sujeitos em seus sítios de significância. Cabe-nos também lembrar que determinações históricas não são determinismos. Há sempre o acontecimento, há sempre a possibilidade de deriva, há sempre a possibilidade de o sentido ser outro. Não esqueçamos, assim, que “o sentido ganha corpo na história, nessa relação tensa entre o fixar-se e o transmutar-se” (ORLANDI,1990).

A história está inscrita na cidade. O tijolo que se acrescenta e a estrada que se força a aparecer entre um grupo de árvores, nada disso é gratuito. É possível pensar a cultura, a cidade, o urbano pela linguagem, compreendida como prática social. Basta educar o olhar pela teoria para poder ler. Porque “a cidade diz tudo o que você deve pensar”, desde que o olhar percorra as ruas como se fossem páginas escritas. O desejo de ser Liverpool constitui também a identidade do Porto de Lenha.

Referências

- ALTHUSSER, Louis (1989). *Aparelhos ideológicos do estado*. Rio de Janeiro: Graal.
- ASSA, Jérôme (2002). "La construcion de l'Amazonie par les Européens". Em *Leituras da Amazônia*. Revista internacional de arte e cultura. Ano II, n 2. Manaus: EDUA; Manaus: Valer.
- CALVINO, Ítalo (1990). *As cidades invisíveis*. 2 ed. São Paulo, Companhia das Letras.
- CANCLINI, Néstor García (2008). *Leitores, espectadores e internautas*. São Paulo: Iluminuras, 2008.
- CASTELLS, Manuel (1999). *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra.
- DIAS, Luiz Francisco (1993). "Ser brasileiro hoje". In ORLANDI, Eni. (org.). *Discurso fundador*. A formação do país e a construção da identidade nacional. 2 ed. Campinas, Pontes.
- GONDIM, Neide (2007). *A invenção da Amazônia*. 2 ed. Manaus: Valer.
- HALL, Stuart (2001). *A identidade cultural na pós-modernidade*. 5 ed. Rio de Janeiro: DP&A.
- LYOTARD, Jean-François (1998). *A condição pós-moderna*. 5 ed. Rio de Janeiro: José Olympio.
- MAFESSOLI, Michel (1998) *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana (2008). *Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto.
- ORLANDI, Eni (1999). *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes.
- _____. (org.) (1993). *Discurso fundador*. A formação do país e a construção da identidade nacional. 2 ed. Campinas, Pontes.
- _____. (1992). *As formas do silêncio*. No movimento dos sentidos. Campinas: Ed. Da Unicamp.
- _____. (1990). *Terra à vista!:* discurso do confronto velho e novo mundo. Campinas: Editora da Unicamp.
- PÊCHEUX, Michel (1997). *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 3 ed. Campinas: Editora da Unicamp.
- _____. (2002). *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Trad. de Eni P. Orlandi. 3 ed. Campinas, SP: Pontes.
- _____. (1990). "Lecture et mémoire: project de recherche". In MALDIDIER, Denise. *L'inquietude du discours*. Paris: Éditions des Cendres.
- PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. (1990). A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (org.). *Por uma análise automática do discurso*. Campinas, Ed. da UNICAMP.
- ROBERTSON, Roland (2000). *Globalização*. Teoria social e cultural global. Petrópolis: Vozes.

SANTOS, Boaventura de Souza (2003). *Introdução a uma ciência pós-moderna*. 4 ed. Rio de Janeiro: Graal.

SANTOS, Milton (1991). *Metamorfoses do espaço habitado*. São Paulo, Hucitec.

_____. (1996). *A natureza do espaço: técnica e tempo - razão e emoção*. São Paulo: Hucitec.

_____. (1997). *Técnica, espaço e tempo: globalização e meio técnico-científico informacional*. São Paulo, Hucitec.

SASSEN, Saskia (1998). *As cidades na economia mundial*. São Paulo: Studio Nobel.

THOMPSON, John (1990). *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. 7 ed. Petrópolis: Vozes.

VEIGA, José Eli (2005). *Do local ao global*. Campinas: Autores Associados.

RESUMO

Pensar a cidade pode ser feito de várias formas. Nosso objetivo nesta reflexão é pensá-la a partir de um lugar: a linguagem. O lugar da linguagem é, no entanto, igualmente caleidoscópico. Nessa miríade de enfoques, buscamos entender a cidade como a textualização de discursos materiais, sócio-históricos, desenhados pela dança da correlação de forças simbólicas e pelos processos ideológicos que lhe compõem seus sentidos circulantes. A Análise de Discurso (AD), com pensada por Michel Pêcheux (1997) e Eni Orlandi (1999), nos serve de referencial teórico para a aproximação ao olhar proposto. Na linguagem, vista pela AD como a materialização de um simbólico determinado sócio-historicamente, a cidade apresenta seus traços identitários e as marcas de seus sujeitos. O enfoque discursivo nos explicita que a cidade objeto de nossa empreitada teórica, Manaus, dança entre dois discursos. O primeiro é o discurso da internacionalidade da cidade, ecoando a história da cidade, com cores da Belle Époque do fim do séc. XIX e começo do XX, se reinscrevendo no contexto do discurso da globalização. É a Manaus, cidade internacional. O segundo é o discurso ancorado no imaginário de capital da Amazônia, discurso atravessado pela discursividade do meio ambiente, da preservação, do santuário da biodiversidade, que produz uma estética característica, produzindo igualmente marcas que evidenciam a caboclitude. É na tensão entre o lugar do tempo infinito – do qual não se pode abrir mão - e o lugar do tempo fugaz – que se apresenta como urgente – que a cidade se movimenta. Essa tensão constituinte das acontecimentos na cidade funda práticas em vários domínios, como na ciência e na cultura, enfoque deste trabalho.

Palavras-chaves: cultura, discurso, Manaus

Finalizado em 27 de maio de 2009. Revisado em 21 de agosto de 2009.